

JOVENS QUE TENTAM SUICÍDIO, HOMICÍDIO PRECIPITADO PELA VÍTIMA E TOTALITARISMO: TRÊS REFLEXÕES SOBRE AUTODESTRUÇÃO

| ROOSEVELT CASSORLA¹

RESUMO

Discutem-se, no presente trabalho, três aspectos que relacionam sociedade e violência, com ênfase nos aspectos autodestrutivos, elencados a seguir. 1. Apresenta-se a “história natural da tentativa de suicídio em jovens”, descrevendo-se fatores que impelem os adolescentes a relações simbióticas, principalmente com namorados ou familiares. Quando essas relações ameaçam desfazer-se ocorre o ato suicida, cujas funções implicam em busca de plenitude após a morte, agressão ao ambiente e pedido de ajuda. As relações simbióticas subjazem, também, a buscas grupais, ideológicas e religiosas, assim como a uso de drogas. 2. Discute-se a relação entre sociedades totalitárias e a vulnerabilidade dos adolescentes a partir da história de Pavlik Morozov, suposto herói soviético. 3. Discutem-se os fatores que predis põem ao homicídio quando este é precipitado pela vítima. As três situações são consideradas em função das características da sociedade brasileira no momento atual.

Palavras-chave: Suicídio; Tentativas de suicídio; Autodestruição; Adolescência; Simbiose; Totalitarismo; Homicídio; Violência.

ABSTRACT

The paper discuss three aspects that relate society and violence, with emphasis on self-destructive behavior. 1. The “natural history of suicide attempt in youngsters” is presented, describing factors that impel adolescents to symbiotic relationships, especially with boy(girl)friends or relatives. When these relationships threaten to undo, suicidal acts occur, whose functions imply in the search for fullness after death, aggression to the environment, and the request for help; 2. The relationship between totalitarian societies and vulnerability of the adolescents, from the history of Pavlik Morozov, supposed Soviet hero 3. Factors that predispose to homicide when it is precipitated by the victim are presented and discussed. The three situations are considered according to the characteristics of Brazilian society at the present time.

Keywords: Suicide; Attempted suicide; Self-destruction; Adolescence; Symbiosis; Totalitarianism; Homicide; Violence.

¹ Membro titular e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas). Professor Titular da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

Estimulado pelo tema do Congresso Brasileiro de Psicanálise de 2017, “Morte e Vida”, retomo, neste texto, reflexões anteriores sobre inter-relações entre sociedade e violência, enfatizando a vertente autodestrutiva (Cassorla, 1985, 1991, 1992, 1995a, 1995b, 1997a, 1997b, 1998, 1999, 2000a, 2000b, 2001, 2005, 2017; Cassorla & Smeke, 1985). Vou deter-me, aqui, em três aspectos: 1) a história natural da tentativa de suicídio em jovens; 2) a morte de si mesmo como homicídio precipitado pela vítima; e 3) os componentes auto e heterodestrutivos na sociedade e no indivíduo a partir da história de Pavlik Morozov.

JOVENS QUE TENTAM SUICÍDIO

Jovens que realizam atos autodestrutivos, como tentativas de suicídio, comumente chegam ao profissional de saúde mental com o rótulo de histéricos, principalmente quando a gravidade médica é pequena e o paciente (em geral uma moça) passa a impressão que a principal função do ato é provocar o ambiente a dar-lhe atenção. A disciplina do psicanalista o obriga a eliminar rótulos, preconceitos, supostos saberes e teorias, para observar o paciente como ele se apresenta.

Após as consultas iniciais, caso se permita à jovem formar um vínculo com o profissional, este percebe que a paciente se entrega ao tratamento como se se grudasse ao terapeuta, criando uma espécie de dependência – por vezes ameaçadora – com o profissional. Logo se percebe que a qualidade desse vínculo encobre ameaças terríveis de desestruturação, estilhaçamento, liquefação do ser, na falta de palavras que pontuem o indizível. O “grude”, a simbiose, melhor ainda, o parasitismo, encobrem e tentam colar, unir, esse ser ameaçado. Quando se consegue verbalizar o terror, ele pode ser comparado ao desespero de perder-se no espaço infinito. O estudo psicanalítico enriquecido por observações epidemiológicas nos permite descrever a “história natural da tentativa de suicídio” nessas jovens, diferente para cada uma, mas com elementos comuns.

A partir de estudos populacionais, encontram-se fortes e objetivos indícios de que esses jovens foram bebês não desejados, sentidos como uma carga, e de que havia outros fatos filicidas no ambiente. A figura paterna comumente era ausente. O estudo psicanalítico, por sua vez, mostra um mundo interno depreciado. A

reconstrução hipotética nos fez supor que o processo de individuação processou-se de forma problemática, as crianças procurando uma fusão simbiotizada com objetos sentidos como não continentes. O parasitismo seria a forma doentia de imaginar-se protegido.

Essa situação é revivida na adolescência. A jovem procura desesperadamente um objeto suposto continente. Esse objeto, geralmente o namorado, costuma permanecer idealizado — como proteção contra as ansiedades de aniquilação —, mas, em última instância, assume as mesmas características frágeis e não confiáveis do mundo interno. “Se este rapaz me aceita, a mim que sou tão sem valor, é porque ele tem menos valor ainda”, ou “Se ele tem valor, vai terminar me abandonando”. Essa é a fantasia predominante e a jovem se vê enredada nesse jogo de cisões e identificações, potencializando sua baixa autoestima e ameaça de desestruturação.

Por outro lado, o parceiro, objeto que tem que ser controlado, é contaminado pelas fantasias edípicas mal elaboradas, já que o desprendimento inadequado impediu a relação triangular satisfatória. Observa-se uma fusão sujeito-objeto, repetida na relação transferencial, e nela serão revividas desde a dessimbiotização ou desprendimento inadequados até as fantasias edípicas mal elaboradas. Será, portanto, uma relação narcísica, de fusão indiscriminada, em que o objeto oscila rapidamente de idealizado a persecutório, passando por etapas confusionais. Não raro, essas jovens se unem a parceiros com características psicopáticas que intuem as necessidades da parceira e as manipulam, constituindo-se relações sadomasoquistas.

Quando existe uma ameaça ou um perigo de perder o objeto com o qual está confundida, a adolescente se sente aterrorizada. Todos os seus objetos foram projetados identificativamente no depositário e ali mantidos, idealizados. Eles serão reintrojados violentamente, mas agora como frustrantes, persecutórios, carregados de maldade. Ao mesmo tempo, devido às cisões e confusões entre bom e mau objeto, a jovem se sente esvaziada, ficando perseguida também pela fantasia de que seus bons objetos são irrecuperáveis.

O estudo desses pacientes nos faz encontrar uma sequência de eventos que partem dos sentimentos de desespero e desesperança ligados a ameaças de desestruturação. Procura-se continência a essas ameaças por meio da busca compulsiva de objetos “protetores”, com os quais a jovem vai tentar simbiotizar-se. Como vimos, existe a descrença de que esses objetos realmente possam dar a continência necessária (que na realidade é infinita). Quando se vivencia a ameaça real ou fantasiada de perda do objeto, ocorrem atuações, por vezes intensas, no intuito de “reconquistá-lo”. Essas atuações envolvem atividade sexual, tentativas de sedução, chantagens emocionais e atos de violência que podem culminar com o ato suicida.

Essa “história natural”, permeada pela baixa autoestima do indivíduo, envolve comumente outros fenômenos sociais, tais como gravidez indesejada (que serve tanto para “segurar” o namorado como para fazer uma tentativa de simbiose com o bebê), abortamentos provocados, casamentos precoces que logo serão desfeitos etc. O objeto parasitado costuma ser o namorado, mas pode ser um dos pais ou outra pessoa. A tentativa de suicídio predomina em jovens do sexo feminino (5 mulheres para cada homem) e costuma não levar à morte. Por serem impulsivos, não são planejados, ainda que a morte possa ocorrer através de aparentes acidentes (como os de trânsito).

A psicodinâmica descrita acima difere da que ocorre nos quadros de suicídio exitoso (que predomina no sexo masculino, na proporção de 3:1), onde os aspectos psicóticos são preponderantes. Evidentemente, tentativas de suicídio e suicídios exitosos podem ocorrer nos dois grupos, dependendo da intensidade e dinâmica dos conflitos, e de circunstâncias fortuitas ligadas ao tipo de socorro médico e social.

A ideia suicida e a tentativa ocorrem como uma forma desesperada de voltar a um estado de fusão idealizada primitiva, no “outro mundo”, ou numa fantasia de volta ao útero materno. Ao mesmo tempo, como vimos acima, os conteúdos confusos e persecutórios que assolam a jovem serão expelidos, em particular para dentro do namorado e da família. Aqui aparece o componente agressivo do ato suicida. Dessa forma, a jovem se livra, novamente, dos objetos maus, agora para sempre, ao mesmo tempo em que, em sua fantasia, reencontra o objeto idealizado,

nirvânico, na morte. Desta vez não falhará, pois da morte (ou desse mundo sem necessidades) não se volta, ainda que isto seja vivenciado de forma confusa. Em resumo, as funções do ato suicida são: 1. reencontro fantasiado com objetos protetores, após a morte; 2. agressão ao ambiente sentido como responsável por seu sofrimento; 3. pedido de ajuda. Todas coexistem. A essas funções podem somar-se sentimentos de culpa (por exemplo, pela sexualidade), necessidade de punição ou mesmo ordálias, em que o jovem testa se tem direito a usufruir de sua vida.

Outras maneiras que as jovens encontram para retomar as fantasias de fusão são o uso de drogas, a gravidez (identificando-se com o bebê), a adição a seitas religiosas e a grupos com ideologias fanáticas. As fantasias são similares às descritas acima, mas sem o risco objetivo da não reversão, como na morte. Por vezes as jovens se defendem da dependência fusional, criando uma carapaça protetora que as torna, aparentemente, autossuficientes e independentes. Mas essa defesa pode desabar a qualquer momento.

Verifica-se, também, que as mães destas crianças haviam passado por vicissitudes similares em sua infância e adolescência e pôde-se supor que os seus bebês tenham sido utilizados como depositários de suas ansiedades e fantasias, identificando-se com elas.

A preponderância de jovens do sexo feminino não implica que o mesmo processo não ocorra no sexo masculino. Mais recentemente, tenho observado estes mesmos mecanismos em rapazes. A diferença com as moças é que, quando ocorre a ameaça de perda do objeto fusionado, os rapazes tendem a reagir heteroagressivamente; as moças, como vimos, se atacam a si mesmas. É possível que aqui encontremos pistas para alguns tipos de violência doméstica e para muitos dos chamados crimes "passionais". Isso não quer dizer que rapazes com essas características não tentem suicídio e que moças não reajam preponderantemente de forma heteroagressiva. Penso que ainda existem mais dúvidas que certezas em relação ao comportamento diferencial entre os sexos.

Os pacientes descritos costumam ser classificados pela psiquiatria como

borderlines. A despeito de concordar com sua semelhança, parece-me que são pacientes menos indiscriminados, mais integrados. Quando surgem os aspectos psicóticos, com cisões, discriminações e confusões, elas são mais limitadas que nos *borderlines* típicos, persistindo uma parte integrada razoável. E é por isso que os componentes triangulares podem emergir com menos dificuldades.

O estudo das famílias dessas jovens que tentam suicídio nos mostra que comumente são famílias “adolescentes” (Mioto, 2004). A ligação entre os pais (quando existiu) ocorreu quando a mãe era jovem. Curiosamente, elas se ligaram também simbioticamente a seus parceiros, repetindo-se na criança os conflitos que foram vividos por seus pais. As famílias se organizam sobretudo em função da figura materna, já que o pai se ausenta física e/ou emocionalmente. Ao mesmo tempo, a mãe, ainda que mais presente, não tem condições de dar suporte às necessidades dos filhos e mesmo de reconhecê-las. Comumente, essas crianças são vistas mais como um complemento às necessidades de simbiose da mãe, e podemos formular a hipótese de que esse é um dos motivos que impedem o seu desprendimento. Esse processo será reativado durante a segunda dessimbiotização: a da adolescência.

O fato de as próprias famílias não terem resolvido os conflitos adolescentes dos pais e no próprio complexo familiar faz com que a adolescência dos filhos não seja compreendida em suas necessidades e apelos. Não raro, projetam-se nesses filhos expectativas decorrentes do fracasso da adolescência dos genitores. A revivescência dos conflitos infantis (mal resolvidos) durante o processo adolescente repercute também nos pais, que não os reconhecem ou não sabem com eles lidar. Do ponto de vista da família, a tentativa de suicídio ocorre no momento em que se torna insuportável a tensão do ambiente familiar. Fantasias de fusão de misturam a outras de exclusão; desejos de retomada de simbioses antigas se mesclam a necessidades de desprezo para obter-se a individuação. E, de uma forma complexa, isso ocorre tanto nos jovens como nos pais.

Outro fator importante é a frequência de perdas, mortes familiares e comportamentos suicidas. Tudo indica que esses lutos são exacerbados pelas perdas que fazem parte do desprendimento adolescente, envolvendo pais e filhos. Pode existir um “ambiente melancólico” ou um “ambiente suicida”, e tudo indica que esta

característica deve ser importante na maneira como as famílias lidam com seus conflitos, utilizando mecanismos de imitação e identificação.

Nas situações descritas, a tentativa de suicídio pode ser encarada como uma atuação dos conflitos familiares, e ela parece proporcionar algum alívio – mesmo que momentâneo – das angústias que permeiam as relações. Pode desencadear sentimentos de culpa e reparação que impulsionariam a família a algum tipo de mudança. No entanto, com frequência, essas mudanças não ocorrem. As famílias não têm condições de perceber seus conflitos e a violência continua ou até fica exacerbada. Novas tentativas de suicídio poderão ocorrer.

Pensamos que aqui entra o profissional de Saúde Mental. Há que se aproveitar a situação de crise, em que o sistema de saúde é procurado para que se efetuem intervenções criativas. Infelizmente, nota-se que as tentativas de suicídio (principalmente as menos graves do ponto de vista médico, que se constituem na maioria) são atendidas em prontos-socorros e o paciente não é encaminhado ao profissional de Saúde Mental.

Por outro lado, quando ocorre esse encaminhamento, o paciente será atendido por profissionais despreparados, num sistema de saúde caótico. Não raro, estes pacientes são maltratados, numa reação compreensiva, mas que demonstra a dificuldade e o despreparo dos profissionais. As etapas preventivas subsequentes são perdidas, dessa forma. Assim, estaremos contribuindo para a ocorrência de quadros graves, psicóticos e de distúrbios de personalidade, nas próximas gerações.

Tudo indica que componentes autodestrutivos da própria sociedade estão em conluio, ao não se levarem em conta os comportamentos suicidas, que são subestimados e para os quais se faz vista grossa. A ênfase na utilização de medicamentos em psiquiatria, sem considerar outras abordagens que aprofundem os conflitos e os fatores sociais, faz parte deste conluio.

A prevenção primária se faz por todos os meios que permitam o autoconhecimento, a fim de proporcionar condições de continência adequadas ao ser humano em desenvolvimento. A prevenção secundária e terciária implica em cuidar da saúde

emocional de adolescentes que, como pedido de socorro, efetuam atuações. Elas devem ser compreendidas, e não condenadas moralisticamente. Há que conscientizar professores, policiais, juízes, assistentes sociais, médicos e terapeutas, preparando-os adequadamente para lidarem com essas situações emergenciais.

TOTALITARISMO E VULNERABILIDADE NA ADOLESCÊNCIA: PAVLIK MOROZOV

Pavlik Morozov, aos doze anos de idade, foi celebrizado pela história russa como o “primeiro pioneiro soviético”. Pavlik, logo após a Revolução Comunista, patrioticamente denunciou seu próprio pai, que fornecera documentos falsificados a *kulaks*, como eram chamados os proprietários de terra da Rússia czarista. Esses documentos facilitaram a fuga dos donos de terras, que eram caçados pelos revolucionários. Estes não desejavam somente as terras, mas também a humilhação e, comumente, a vida dos proprietários, responsabilizados como classe social pela desigualdade entre os homens. Além disso, eram potenciais reacionários contra a nova ordem que estava sendo instituída. Mais ainda, o pai de Pavlik, confirmando ser uma pessoa perigosa e detestável para a Humanidade, negociara ilegalmente colheitas do Estado (isto é, do povo), indo contra as normas éticas revolucionárias, as quais pregavam solidariedade, honestidade e igualdade.

Pavlik foi assassinado a punhaladas por seus avós e por um tio paterno, em represália por seu ato. Seguiu-se um processo judicial, aproveitado ao máximo pela propaganda do Partido como exemplar, e Pavlik Morozov foi considerado um herói. Seu ato patriótico e ético foi utilizado como modelo, e assim aproveitado no estímulo para a socialização das terras. Seu nome continuou sendo lembrado e homenageado por décadas.

Aproveitarei este relato para efetuar algumas considerações sobre adolescência, auto e heterodestruição e sociedades totalitárias.

Poderíamos pensar que Pavlik, ao denunciar seu pai corrupto, agiu corretamente, em nomes de ideais não somente compreensíveis, mas extremamente dignos. A luta por uma sociedade em que todos vivessem em paz, solidários, sem a exploração do homem pelo homem, justificaria que se eliminassem indivíduos

desonestos e malvados.

Sabemos, também, que um adolescente possivelmente ainda não foi contaminado pela falsidade e pela hipocrisia, que costuma predominar na geração mais velha. O idealismo é (ou deveria ser) uma das características do adolescente normal, que se indigna frente às injustiças e iniquidades do mundo.

As considerações acima, no entanto, se satisfazem um revolucionário fanático, deixam dúvidas em quem considera que existem laços emocionais bastante complexos entre os seres humanos. O idealismo de Pavlik não teria se contraposto ao amor que todo filho sente por seu pai? Ou o idealismo não teria sido potencializado pelo ódio que todo filho sente por seu pai? O leitor sabe que está frente à ambivalência emocional que se manifesta intensamente na adolescência. Eventualmente, a cisão entre os dois aspectos tenta isolar uma da outra.

É nessa fase que o jovem entra em contato com uma realidade fundamental, que não pode mais negar ou adiar, como fizera enquanto era criança. Essa realidade é que ele é um indivíduo separado de seus pais, e que deverá encontrar-se consigo mesmo, com todas as dificuldades, turbulências e satisfações que essa busca determina. Encontrar-se consigo mesmo significa que agora terá que descobrir quem ele é, e a partir dessa constatação, como usará esse seu “ser” para enriquecê-lo com experiências e viver sua própria vida, permitindo-se ser alguém que sente que a vida vale a pena ser vivida.

Encontrar-se consigo mesmo implica em ter que abandonar a proteção dos pais – comumente, para abandoná-la há que rebelar-se contra eles. O adolescente terá que usar sua energia para uma luta intensa em que será presa de conflitos complexos. Por um lado, ele se sente atraído (e ao mesmo tempo assustado) pelos desafios com que o mundo extrafamiliar o defronta. Por outro lado, também se sente temeroso em abandonar as figuras parentais (reais ou fantasiadas) que o protegem dos obstáculos e sofrimentos da vida.

Os pais, por outro lado, passam por processos similares. Sabem que devem afastar-se e permitir o desprendimento de seus filhos, mas têm medo do que possa ocorrer

não somente com os filhos, mas com eles próprios, que podem ver o filho com uma posse que, perdida, redundará em solidão.

O adolescente pode amar seus pais e identificar-se sadiamente com eles, aproveitando as vivências e experiências compartilhadas para sentir-se suficientemente forte no enfrentar a vida. Mas, concomitantemente, pode invejar esses pais, que em sua fantasia são mais fortes e capazes e que ele supõe que nunca vai sobrepujar. O mesmo pode ocorrer com os pais: de um lado, o orgulho pelo filho, estimulado a viver sua própria vida, os pais vendo nele o produto de seu amor; de outro lado, a inveja, o terror que esse filho viva melhor a vida que eles próprios e a sensação de terem sido roubados, espoliados.

Evidentemente, o descrito nos parágrafos acima é algo muito resumido de processos bastante complicados, mas creio que é suficiente para continuarmos pensando sobre Pavlik Morozov.

Possivelmente, Pavlik, como todo jovem, estava tentando conhecer o mundo extrafamiliar para, aos poucos, integrar-se nele, enfrentando os desafios e aproveitando os seus recursos. Nesse momento, a sociedade, por meio de suas instituições, desafiou-o a adaptar-se a ela, e isso lhe trouxe um conflito terrível. O mundo extrafamiliar lhe mostrava que sua família estava errada. No conflito de lealdades, entre os pais e a sociedade, idealizou esta e cindido, descarregou o ódio contra os pais.

As consequências, do ponto de vista familiar, foram terríveis. Três gerações entraram em jogo. Os avós e o tio, em defesa do filho e do irmão, inconformados com a atitude do neto, o matam. Do ponto de vista social, no entanto, a gratificação foi imensa. Graças a Pavlik, um herói, facilitou-se a expropriação de terras, e sua memória ficou guardada para sempre na história do povo russo.

Mas há outras possibilidades que vou permitir-me especular. O que teria ocorrido com Pavlik se ele não tivesse sido morto por seus avós e tio? Sentiria, em algum momento, tristeza, remorso, culpa? Teria medo? E, caso tivesse, se esconderia ou passaria a denunciar todos aqueles que, em sua fantasia, poderiam ser seus

inimigos? Arrepende-se-ia do que fez após verificar o resultado das expropriações de terras (em que foram assassinadas milhões de pessoas), ou ficaria orgulhoso e justificado por ter contribuído para que os seres humanos vivessem mais igualitariamente?

E o pai de Pavlik? Estaria ele se culpando por ter sido corrupto e não ter acreditado na Revolução? Estaria ele maldizendo ter tido esse filho, que o denunciou e desgraçou toda a família? Ou o perdoaria, sabendo que ele era apenas uma criança manipulada por forças exteriores? Recriminar-se-ia por não ter percebido que esse filho já se tinha afastado tanto dele que passou a odiá-lo? Estaria ele triste por ter tido o filho assassinado por seus pais e irmão, assim como pelo sofrimento destes, agora condenados por assassinato?

Não temos respostas para quaisquer dessas questões. Podemos apenas ficar tristes com tanta violência – justificável para alguns, injustificável para outros. Mas essa tristeza por Pavlik e pelas vicissitudes de sua família, essa impotência em compreender e em agir (já que é um fato passado) não seria parecida com a que sentimos hoje frente às relações entre sociedade e violência e, em particular, entre adolescência e violência?

Penso que a impotência e a tristeza verificadas atualmente devem e podem ser combatidas. Temos conhecimentos suficientes para agir, evitando que situações como a de Pavlik e tantas outras, parecidas ou não, aconteçam.

A violência se manifesta na sociedade de várias formas, e ela poderia ser considerada a antítese do amor. A falta de condições básicas de sobrevivência é a violência básica: aqui incluímos a fome e a miséria, a falta de oportunidades e a coisificação do ser humano, visto como objeto de uso e abuso, desumanizado. Seguem-se os mecanismos sofisticados que impedem que a pessoa pense, manipulada por ideias perversas, por vezes travestidas de ideais “religiosos”, ideológicos ou de consumo. No meio disso tudo, nos defrontamos com a violência mais concreta, que envolve maus-tratos, tortura e morte, incluídas as condutas autodestrutivas.

O adolescente (assim como a criança) será a vítima preferencial dessa violência

social, pois ele é mais vulnerável. Essa vulnerabilidade decorre da invasão de seu ser por estímulos internos ligados à sexualidade e à agressividade, de difícil controle, que interagem com um ambiente externo que não permite sua transformação adequada, gratificante. Essa impossibilidade, ou dificuldade na relação entre ele mesmo e o ambiente externo, leva, do ponto de vista mental, a um empobrecimento na capacidade de pensar e agir de formas úteis e criativas, com reflexos negativos para si e para a sociedade.

Veremos, dessa forma, o jovem vivendo numa espécie de estado confusional, em que não mais sabe o que deve ou não fazer, menos ainda como deve fazer. Não consegue discriminar o que é certo ou errado, bom ou mau, criativo ou destrutivo. Encontra-se perdido, atrapalhado — pior: não tem a quem recorrer, pois os adultos estão como ele, também confusos e perdidos, não mais servindo como figuras de identificação.

Defrontamo-nos, então, com uma situação bastante curiosa. O adolescente precisa ter, nos adultos, figuras com as quais se identifique e ao mesmo tempo que o faça perceber-se diferente deles. No entanto, os adultos atuais tendem a viver e se comportar também como adolescentes, perdidos numa confusão similar. Se o jovem deve enfrentar os adultos para diferenciar-se deles, nem isso agora lhe é permitido.

O conflito de gerações, normal, que faz parte da vida, em que o adolescente tem que diferenciar-se de seus pais, e por isso tem que negá-los para poder ser ele mesmo, acaba por ser prejudicado. Assim, de uma violência esperada, normal e controlada, passa-se para uma violência indiscriminada, contra tudo e contra todos, produto da confusão descrita acima. Temos que nos lembrar de que confusão provoca desespero e angústia, e a descarga violenta dessa confusão pode ser a única saída. Agora, a sociedade que violentou o jovem passa a ser violentada por este, constituindo-se um círculo vicioso não fácil de quebrar. A humanização das relações entre as pessoas é a condição básica para essa quebra, de onde derivarão todas as outras ações, não difíceis de identificar. Mas voltemos a Pavlik.

Será que uma sociedade ou um grupo social pode manipular a cabeça de jovens

a um ponto tal que eles violentem a si e aos demais? Com certeza. Os jovens, na sua ânsia por figuras de identificação, mais ainda numa sociedade confusa e confusante, voltam-se para pais substitutos, idealizados. Esses “pais” serão tanto mais idealizados quanto mais certezas tiverem. Os jovens procuram, desesperadamente, referenciais aos quais possam agarrar-se, e quanto mais sólidos eles parecem, mais atenuam seu desespero. Nesse momento, está aberto o caminho para o fanatismo, a crença acrítica, os ideais de superioridade, as certezas absolutas e a necessidade de eliminar o diferente, que será o inimigo. Não há necessidade de pensar. Tudo está previsto no grupo, na quadrilha, na turma, na ideologia, religião ou conhecimento. Não existem mais dúvidas. O jovem volta para um “útero” em que todas as necessidades são satisfeitas. Mais ainda, tem também a oportunidade de dar vazão a sua agressividade e sexualidade, transformadas em destrutividade, sem necessidade de pensá-las.

Os macroexemplos não são difíceis de lembrar. As Juventudes Nazista, Comunista, Integralista, os jovens que “fizeram” a Revolução Cultural na China, humilhando, torturando e matando o que “era diferente”. Os adultos sabem muito bem como manipular os jovens. Nas Cruzadas, estes abandonavam suas famílias rumo a Jerusalém para expulsar os “infieis”. Ficamos horrorizados quando lemos sobre os detalhes da Cruzada constituída por crianças, em que praticamente todas foram exterminadas. São também jovens os islamitas que se suicidam em carros-bomba, com o intuito tanto de eliminar inimigos como para serem recebidos como heróis no paraíso. Em todos os países, os exércitos convocam adolescentes e dirigem sua agressividade natural para fins patrióticos, que geralmente encobrem interesses econômicos ou ideológicos. E as técnicas usadas pelos militares (e também por milícias clandestinas) implicam em “lavagens cerebrais” que alguns psicólogos talvez não ousassem utilizar nem em seus experimentos com animais... Não é por acaso que a infantaria (cuja etimologia vem de “infans”- criança, aquele que não fala) vai na frente das batalhas, servindo como bucha de canhão.

Esse filicídio, esse assassinato que os adultos efetuam contra seus jovens, fica bem ilustrado pela sofisticação da máquina de propaganda argentina, que conseguiu reverter as ideias de milhares de jovens. De adversários da ditadura militar, de repente foram morrer patrioticamente nas Malvinas, aliados de seus algozes, para

“retomá-la” dos ingleses. É triste verificar como os seres humanos, não somente os jovens, deixamos que outros pensem por nós, e nos sujeitamos alegremente a violentar e sermos violentados.

Verificamos, em nosso dia a dia, exemplos aparentemente menos dramáticos, mas que potencialmente podem ampliar-se descontroladamente: desde nossa atual “educação”, que sabota a criatividade, até a força da “mídia”, que manipula e cada vez mais manipulará nossas mentes, passando pelas instituições que punem e violentam o jovem para “recuperá-lo”. É contra essa violência que devemos lutar, não com mais violência (que é sempre a primeira e mais fácil reação), mas vigorosa e criativamente.

Pavlik Morozov foi manipulado ou era um jovem lutador, idealista? Antes de responder, não nos esqueçamos que o jovem pode ser manipulado, mas é também o agente de mudança, aquele que denuncia o errado e desmascara a hipocrisia dos adultos. Essa capacidade de mudar deve também ser estimulada pela sociedade, ajudando o jovem a pensar e a questionar se está realmente lutando contra as injustiças ou está sendo manobrado por adultos que desejam perversamente o poder. Lembremos que são sempre adultos os que traficam drogas, comandam quadrilhas, exploram sexualmente, manipulam e corrompem mentes e, ao mesmo tempo, fazem com que a sociedade culpe os adolescentes por serem drogados, violentos ou alienados.

Penso que o jovem atual tem cada vez mais dificuldades em discriminar quando está lutando pelos direitos humanos e contra a injustiça e quando está sendo manipulado ou anestesiado por grupos adultos. Essa discriminação somente será possível quando a sociedade fornecer aos jovens condições para desenvolverem sua capacidade de pensar, e isso somente ocorre se os adultos também a têm, recuperando suas humanidade e condição ética. Para isso, a sociedade tem que se repensar, e tudo indica que é isso que está ocorrendo cada vez mais, as pessoas intuindo que a vida de correria, competição e desprezo pelo outro, de consumismo e coisificação, resulta num vazio interior cada vez mais insuportável.

O crítico literário russo Yuri Druzhnykow, exilado nos EUA, escreveu o livro *O*

mito de Pavlik Morozov, em que podemos compreender melhor a relação entre os fatores que descrevi acima. A história oficial stalinista mentiu. Na verdade, o pai de Pavlik abandonara a esposa e os filhos. Os avós paternos teriam pedido à ex-nora a devolução da terra a eles cedida por meio do casamento. Pavlik teria se vingado dos avós, denunciando-os às autoridades porque eles teriam uma bela carroça, a qual destoaria dos novos tempos. O assassinato do menino foi a consequência. No processo criminal, agora reexaminado, não existe qualquer referência a este ter denunciado o pai. No entanto, há outras versões, e foram recolhidas mais de trinta, que correram por toda a URSS. Mas poucos duvidam que Pavlik foi utilizado, como tantos jovens, para manipular outros jovens e adultos.

Pekka Lehto, um finlandês, fez um documentário intitulado *Jovem herói 001*, buscando reconstituir a história de Pavlik. Um depoente, no filme, afirma que Pavlik não foi herói, nem vilão. Foi apenas uma vítima de seu tempo.

Penso que precisamos estar alertas para isso, a fim de que nossos adolescentes não sejam vítimas de nosso tempo. E, também, para que não o sejamos nós, embora não tão jovens. Mais ainda, temos o dever de nos proteger e cuidá-los, denunciando e agindo, sabendo que os jovens são mais vulneráveis à maldade e à confusão da sociedade. Lembrando que esta acaba sendo também retaliada, num processo de destruição e autodestruição que somente pode ser combatido com muita criatividade e força vital.

O HOMICÍDIO PRECIPITADO PELA VÍTIMA

Verifica-se na prática clínica, assim como se deduz da observação e de relatos, a existência de um quadro autodestrutivo em que a vítima não efetua diretamente o ato (em nosso caso, a própria morte), mas estimula ou provoca alguém para que o faça. Nas estatísticas vitais o evento será considerado um homicídio, mas se estudarmos cuidadosamente sua dinâmica, verificaremos que esse ato homicida foi estimulado pela vítima.

O conceito descrito acima se constitui no ápice de uma série de fenômenos conscientes e/ou inconscientes nos quais o indivíduo se envolve com a finalidade

de autodestruir-se. Aqui, consideramos autodestruição no sentido mais amplo, implicando em destruições parciais por meio de mecanismos que atingem o corpo (doenças, mutilações, perda de funções), a mente (ataques ao pensar, à criatividade, às demais funções egoicas) e as relações (delinquência, uso de drogas, sexualidade promíscua etc.), ou mais comumente atingindo as três áreas ao mesmo tempo. O homicídio precipitado pela vítima implica na destruição total, e comumente é precedido de autodestruições parciais.

A diferenciação entre os acidentes “não acidentais”, isto é, os acidentes em que se identifica facilmente o componente autodestrutivo e o homicídio precipitado pela vítima nos ajudarão a compreender melhor sua psicodinâmica. Em ambas as situações, encontraremos predominantemente indivíduos com quadros depressivos. Uma teorização útil nos descreve, nesses pacientes, objetos internos perseguidores, culpógenos, que condenam o *self* ao sofrimento e à destruição. Sua origem repousa em componentes que passam pela constituição (e quando predomina esta vertente teremos os quadros endógenos) e por fatores ambientais, enfatizando-se os mais precoces.

Se todo quadro autodestrutivo implica também em descarga da destrutividade para o ambiente (por exemplo, na culpa que o suicida introduz nos sobreviventes), os “acidentes” e o homicídio precipitado pela vítima se constituem em situações curiosas. Nos “acidentes”, o indivíduo poupa as pessoas próximas de culpa; o componente heteroagressivo sendo menor que nos suicídios exitosos. Se houver outra pessoa envolvida no “acidente”, comumente isso ocorre de forma fortuita, não existindo desejo que a pessoa que não evitou o acidente seja culpabilizada. Um bom exemplo é o do indivíduo que se deixa atropelar por um automóvel qualquer, de forma consciente ou inconsciente. O componente heteroagressivo aparecerá no frustrar os outros de sua presença, causando-lhes problemas em várias áreas, comumente problemas práticos.

Será diferente se o “acidente” ocorrer numa situação em que a vítima, consciente ou inconscientemente, envolve uma pessoa próxima. Um exemplo seria o do jovem que se joga (conscientemente ou não) na frente de um carro dirigido por seu pai. Crianças que morrem caindo de alturas, escapando da mãe, poderão encaixar-se

neste modelo. (Devemos nos lembrar que a criança que não se sente amada, que se percebe como se fosse uma carga para seus pais, pode atuar a fantasia de que somente os tornaria felizes se ela não existisse.)

No caso do homicídio precipitado pela vítima, a situação é mais complexa. O componente heteroagressivo pode manifestar-se na esperança ou no desejo de que o homicida possa ser punido. Sabemos que a maioria dos homicídios ocorre dentro da família, e a futura vítima poderá, por meio de identificações projetivas violentas, fazer com que o futuro homicida “perca a cabeça” e mate ou agrida até matar a vítima que o provocou. Evidentemente, a vítima intuirá a psicopatologia do futuro homicida, e a estimulará.

Outra situação, cada vez mais comum em nosso meio, é o homicídio de jovens provocado por lutas de gangues, quadrilhas, traficantes, e pela polícia. Nestas situações, poderemos identificar vários quadros: a) jovens com componentes melancólicos; b) jovens com características psicopáticas, sem capacidade de pensar, que atuam seus conflitos na área social; c) jovens “normais” que, durante a época da resolução de seus conflitos próprios, são vitimizados pela própria sociedade, vivendo em locais violentos, sem outras oportunidades, tendo que “provar sua coragem”, submeter-se a líderes carismáticos, por idealização ou mesmo por medo, e enfrentando através de mecanismos de negação a tomada de consciência da própria morte.

Retomemos os três grupos (no qual poderemos incluir também crianças – mas com elas é mais comum que os componentes autodestrutivos se confundam com acidentes). O jovem melancólico pode encontrar-se numa faixa que vai desde a depressão endógena até quadros aparentemente reativos, no qual se salientam má elaboração de lutos e conflitos edipianos mal resolvidos, revividos na situação de adolescência e desencadeados por fatores externos, conflitos estes comumente incrustados em fatores constitucionais.

O quadro do jovem predominantemente atuador se mescla com o anterior. A atuação comumente é uma maneira de não entrar em contato com os componentes melancólicos, e os encobre. No entanto, em outros casos, identificamos distúrbios

de personalidade mais ou menos graves. Comumente, estes jovens preferem mais atuar seus conflitos atingindo a sociedade, sendo predominantemente heterodestrutivos. Suspeito que o componente autoagressivo se manifesta quando existe um componente melancólico forte (não manifesto) que não foi possível controlar.

Se os dois grupos descritos nos preocupam como profissionais interessados na prevenção, o último nos indigna, devido à força da vertente social. Os fatores internos repousam em mecanismos próprios do processo adolescente, que se tornam exacerbados, tais como a elaboração de lutos e a revivescência de conflitos edipianos, somados a uma busca simbiótica de objetos substitutos do primário. Isso nos levou a efetuar a hipótese de que nesta fase são também revividos conflitos mais primitivos relativos ao processo de separação-individuação. Os fatores psicossociais envolvem famílias desestruturadas e um ambiente comumente violento, no qual o indivíduo não se sente aceito.

A indignação causada no profissional de saúde, neste terceiro grupo, se deve à importância dos fatores sociais e ao fato de que eles deveriam ser mais facilmente evitáveis. É impossível não se horrorizar com as condições de vida que envolvem nossas populações, repercutindo em mortes estúpidas de tantos jovens que consideramos “normais”. Deixo clara aqui minha posição de que a violência entre jovens não pode ser associada apenas à “culpabilização da vítima”. Se existe um componente autodestrutivo em muitas situações, bastante claro ou mais sutil, não podemos ignorar as características destrutivas da sociedade em que o jovem vive. O envolvimento diário com a violência – mortes, assassinatos, miséria, gangues envolvidas em tráfico de drogas e outros crimes, desrespeito humano no mais alto nível, corrupção e conluio de autoridades, etc. – faz o jovem identificar-se ou entregar-se a tais situações, na falta de outras. Perguntar-se-á por que não existem outras, e o componente filicida de nossa sociedade aparecerá com clareza.

Mais ainda, a negativa em dar condições dignas de vida e boas figuras de identificação aos jovens não ocorre somente em nossos estratos sociais menos favorecidos. A violência (mais sutil) e o “levar vantagem em tudo”, que sempre foi privilégio dos estratos sociais mais altos, agora atinge os estratos médios, e o

jovem se vê perdido entre valores que envolvem a dignidade humana, a cidadania e outros em que o ser humano é coisificado e usado para vantagens pessoais.

A parte final deste trabalho foi apenas descritiva, pois o autor não se sente em condições de formular hipóteses, que fatalmente cairiam num reducionismo mais ideológico que científico. Portanto, nosso trabalho deverá envolver também outras áreas, sendo indispensável a contribuição interdisciplinar. Ou, melhor ainda, envolve também a nossa participação política, que quando não é exercida, se constitui também num ato autodestrutivo.

No entanto, gostaria de terminar com uma observação otimista: tenho observado nos jovens com os quais convivo na assessoria a escolas e mesmo nos que atendo como psicanalista, uma percepção cada vez maior dos aspectos descritos acima, e intuo um movimento de reação à posição submissa frente a uma sociedade filicida. A própria sociedade vem reagindo, e prova disso são os movimentos ecológicos, pelos direitos humanos, contra a violência e pela cidadania, por exemplo. Movimentos em prol da vida, enfim.

REFERÊNCIAS

- Cassorla, R. M. S. (1985a). Depression and suicide in adolescence. In: *The health of adolescents and youths in the Americas* (pp. 156-169). Pan American Health Association (Sc. Publ. 489), Washington (DC).
- Cassorla, R. M. S., & Smeke, E. L. M. (1985b). Autodestruição humana. *Cadernos de Saúde Pública* 10 (Supl. 1, pp. 61-73).
- Cassorla, R. M. S. (1991). Simbiose na adolescência: implicações clínicas. In: Maakaroun, M., Souza, R. P., & Cruz, A. R. (Orgs.). *Tratado de adolescência - Um estudo multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Cultura Médica.
- Cassorla, R. M. S. (1992). Reflexões sobre a psicanálise e a morte. In: Kóvacs, M. J. *Morte e desenvolvimento humano* (pp. 90-110). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Cassorla, R. M. S. (1995a). Apresentação. In: Pereira, M. A. C. (Org.). *Uma rebelião cultural silenciosa. Investigação sobre os suicídios entre os Guaranis de MS*. (Série Índios do Brasil, n. 3, pp. 11-15). Brasília: Ministério da Justiça-FUNAI.

- Cassorla, R. M. S. (1995b). Suicídio: aspectos bioéticos. In: Caponi, G. A., Leopardi, M. T., & Caponi, N. S. C. *A saúde como desafio ético* (pp. 8-15). Florianópolis: UFSC.
- Cassorla, R. M. S. (1997a). Comportamento suicida na adolescência: aspectos psicossociais. In: Levisky, D. L. *Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira* (pp. 81-98). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cassorla, R. M. S. (1997b). Considerações sobre o processo analítico com pacientes potencialmente suicidas. In: Fichtner, N. (Org.). *Transtornos mentais da infância e da adolescência - Um enfoque desenvolvimental* (pp. 291-302). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cassorla, R. M. S. (1998). *Do suicídio: estudos brasileiros* (2ª Ed.). Campinas: Papirus.
- Cassorla, R. M. S. (1999). Introdução. In: Toledo, J. *Dicionário de suicidas ilustres* (pp. 9-18). Rio de Janeiro: Record.
- Cassorla, R. M. S. (2000a). Reflexões sobre teoria e técnica psicanalíticas com pacientes potencialmente suicidas (Parte I). Alter: *Jornal de Estudos Psicodinâmicos* (Vol. 19, n. 1, pp. 169-186). Brasília.
- Cassorla, R. M. S. (2000b). Reflexões sobre teoria e técnica psicanalítica com pacientes potencialmente suicidas (parte 2). Alter: *Jornal de Estudos Psicodinâmicos* (Vol. 19, n. 2, pp. 367-386). Brasília.
- Cassorla, R. M. S. (2001). A morte e o morrer. In: Botega N. J. (Org). *Prática médica no hospital geral: Interconsulta e emergência* (pp. 352-364). Porto Alegre: Artmed.
- Cassorla, R. M. S. (2005). Barbárie, terrorismo e psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise* (Vol. 39, pp. 87-93).
- Cassorla, R. M. S. (2017). *Suicídio. Fatores inconscientes e sócio culturais. Uma introdução*. São Paulo: Editora Blucher.